

A luz pálida da lua emprestava uma atmosfera mais desoladora e triste ao velho mosteiro. A igreja, agora destelhada e sujeita às inclementes agruras do tempo, porfiava em resistir ao desprezo, assemelhando-se o perfil descoberto da sua nave a uma boca donde saía um grito mudo em direcção à aparente indiferença dos céus. Que diria essa boca se conseguisse falar? Que prece dirigiria ao Criador do mundo?

Ignorando tal lamento, um vulto parecia abrigar-se nas profundezas das sombras daquele antigo conjunto monástico. Qual felino que aguarda a sua imprudente presa, aquele vulto, sombra dentro da sombra, estava estático e absor-to. Somente uma pequena lufada de vapor, que subiu na direcção da Lua, saída de umas dilatadas narinas enregeladas por um relento agreste de fim de Inverno, denunciou a presença de vida naquele espectro.

Um piar de coruja interrompeu a quietude daquele local onde ser algum ousaria sair da sua respectiva toca ou lura para enfrentar tal paisagem antes da chegada dos primeiros e cálidos raios solares.

O vulto abrigado sob os muros reagiu, como por instinto, ao escutar tal chamamento. Avançou um pouco, afastando-se da segurança ilusória que aquela ruína parecia proporcionar, e estancou no limite da sombra, não sem antes ter perscrutado cautelosamente a envoltória.

Um novo piar de coruja cortou o ar gélido. Desta feita, o que quer que tivesse feito aquele ruído, era certo que estava algures perto, ali, no limite das trevas e da luz de um quase transparente plenilúnio.

– Jorge? És tu? – sussurrou uma voz, para lá de um enorme carvalho secular.

– Sim. Vem. Não há perigo – respondeu calmamente o vulto, em surdina.

Como uma lebre que percorre aos saltos os prados, mudando constantemente de direcção, Benedito Salvaguarda correu com destreza e agilidade as poucas dezenas de metros que o separavam do mosteiro.

– Folgo em ver que estás bem e inteiro – disse-lhe ao ouvido Jorge, depois de um forte e amistoso abraço. – Isto não é como em Elvas, onde conhecemos os caminhos e as trilhas como as nossas mãos...

– Não te preocupes, rapaz. Desde que saiba para que lado fica o norte ou de que lado nasce o Sol, nunca me perco.

Um simples olhar de Jorge indicou que urgia partir, apesar de aquele lugar transmitir uma aparente sensação de segurança. *Pura ilusão*, pensava aquele que até há pouco era uma mera sombra em plena e quase impenetrável penumbra.

Através de uma invisível vereda, os dois amigos caminharam em direcção a Castelo Rodrigo, aldeia tão velha quanto Portugal, alcantilada no alto de um monte que domina, num raio de várias milhas, a paisagem circundante. Esquecido pelo tempo e pelo progresso, somente viviam naquele lugarejo umas quantas dúzias de famílias. O resto era composto por casas vazias e ruínas. Há muito que as gentes se tinham deslocado para a planície, para Figueira, quando não para outras zonas mais distantes. Muitos tinham, inclusivamente, emigrado.

O trilho conduziu Jorge e Benedito até junto da muralha que cercava o povoado. Discretamente, e silenciosos como dois gatos, entraram na aldeia e cruzaram a Rua da Sinagoga. Junto da igreja, uma réstia de tremeluzente e ténue claridade escapava-se pelas frinchas de uma ressequida porta, denunciando que alguém, no interior daquela casa e para lá do postigo, ainda estava acordado, apesar de o relógio anunciar que a aurora não estava muito longe.

Três subtis e quase imperceptíveis pancadas com a aldrava soaram no interior da habitação. Francisco Lobo, envolto numa espessa nuvem de fumo alimentada pelos infundáveis cigarros consumidos ao longo da noite, ergueu-se calmamente do rústico banco onde estivera sentado durante várias horas, enquanto lia, sob a fraca luz de um candeeiro alimentado a petróleo, as mais recentes notícias que conseguira encontrar sobre o desenvolvimento da guerra. Um jornal inglês, cuja edição remontava há quase dois meses, era o seu consolo para aquela noite fria. Fora-lhe dado por um piloto da R.A.F. que ele ajudara a passar a fronteira junto a Escarigo, atravessando a ribeira de Tourões perto do Lagar do Meio, onde um pequeno açude ajudava a acumular e a encaminhar as águas para as engrenagens dos moinhos. Para surpresa do inglês, Francisco falava um pouco da sua língua, o que o levou a oferecer-lhe aquele exemplar do *Times* quando se despediram, após terem chegado a Castelo Branco, cidade onde outro elemento da rede conduziu o súbdito de *Sua Majestade* até Estremoz. Nesse local, o piloto estaria definitivamente em segurança, uma vez que um carro do corpo diplomático inglês aguardaria pela sua chegada para o conduzir até Lisboa sob uma qualquer identidade falsa que o colocasse ao serviço da Embaixada britânica.

Respirando fundo, Francisco apagou o cigarro num cinzeiro que transbordava com beatas e aparas de tabaco e dirigiu-se até à porta. Quando quem tinha batido se apercebeu da sua presença atrás do postigo, anunciou-se.

– Francisco? É o Jorge. As andorinhas regressam. Vem aí a Primavera.

Era a senha. Prontamente, a porta abriu-se. Num ápice, fechou-se atrás de Jorge e de Benedito, que tiveram alguma dificuldade em adaptar os seus olhos àquele ar quente e pesado.

– Boas, amigo. Desculpa o atraso, mas sabes como são as coisas. É sempre difícil estipular horas certas para estas situações. Surgem sempre imponderáveis.

– Não importa – respondeu Francisco de uma forma seca. Aquela aparente rispidez não se coadunava com o seu carácter generoso e franco. Como dizia Jorge, *não é defeito, é feitio*.

O anfitrião remexeu as brasas que ainda estavam vivas no fundo da lareira e atirou para cima delas dois pedaços de madeira, o que provocou uma chuva de chispas. Um pedaço de broa, um canjirão de vinho e um queijo compunham a mesa da frugal cozinha, timidamente alumiada pela fraca chama do candeeiro.

Sem delongas, antes que os recém-chegados tivessem tempo para molhar a garganta ou enganar a fome com um pedaço de broa, Francisco, um pouco ansioso, questionou Benedito.

– Conta. O que soubeste tu em Salamanca?

Olhando ora para Jorge, ora para Francisco, Benedito ousou beber uma caneca de vinho antes de responder. Depois, acabou por ser ele a pedir aos seus companheiros que se sentassem em torno da mesa para que a conversa fosse mais íntima.

– Aquilo que temíamos pode estar iminente. O nosso contacto em Salamanca, o tal ligado à rede de opositores a Franco, confirmou o teor das negociações que os nazis e Franco têm desenvolvido nos últimos tempos. Hitler prepara-se para atacar em todas as frentes. Na Rússia, aguarda-se pela chegada da Primavera. Vendo que Moscovo não cairá tão facilmente e que Estaline não cede, tudo indica que irá tentar estrangular o exército russo, cortando-lhe o acesso à principal zona fornecedora de petróleo. Os ingleses acreditam que o Cáucaso e os campos de petróleo de Baku são o alvo, mas o líder russo acha que os alemães vão tentar nova investida contra a capital, pelo que está a concentrar grande parte das suas forças nesse sector. No Mediterrâneo, depois de Creta, o grande objectivo dos alemães é o Egipto. Todo o Norte de África lhes pertence, excepto o Leste da Líbia e, claro, o Egipto. Creio que querem dominar o Suez e, assim, cortar a via de acesso à Índia. No entanto, certamente se não ficarão por aí. Conquistado o Suez, subirão a costa da Palestina e inflectirão para leste, onde se encontrarão com os seus compatriotas algures a sul do Cáucaso. Daí até à Índia será um passeio em cujo final estarão a aguardá-los os fanáticos do Império do Sol Nascente, depois destes terem tomado a Birmânia e a dita Índia aos ingleses...

– Credo! Que horror! – suspirou Jorge, depois de imaginar todo esse cenário.

Francisco mantinha-se silencioso e fumava novo cigarro. O cenho carregado e os fortes vincos sobre ele denunciavam apreensão. Um gesto com a mão incentivou Benedito a continuar.

– Os nazis não se contentarão somente com o Mediterrâneo, agora que os americanos entraram na guerra. Enquanto o *Africakorps* avança pelas areias da Líbia, rumo a Alexandria, um ataque será lançado sobre Malta. Os ingleses estão conscientes disso. Se Malta cair, segue-se Gibraltar. É aqui que entra Portugal.

Nova pausa, outro trago de vinho. Debruçando-se sobre a mesa, Benedito aconselha os seus amigos a fazer o mesmo. Sem pedir licença a Francisco, rasga um pedaço do jornal, provocando um enrubescimento de indignação contida a custo no rosto do dono da casa, e, sacando de um pequeno lápis, desenha toscamente aquilo que seria a Península Ibérica e o Norte de África.

– Os nossos companheiros de Salamanca crêem que Franco já acordou com os alemães a conquista de Gibraltar. Apesar de se dizer que Hitler, depois da conferência de Hendaya, teria comentado que preferia arrancar quatro dentes do siso em vez de voltar a negociar com Franco, creio que o cabo austríaco reconsiderou ao ver quão importante é aquele *rochedo*. A conquista de Gibraltar implicará, obrigatoriamente, a invasão de Portugal pelos alemães ou pelos franquistas, segundo os ingleses.

– Porquê? – perguntou Jorge, visivelmente incomodado com tão aterradora visão.

– Por causa da nossa secular ligação a Inglaterra – disparou Francisco, saído do seu silêncio quase comatoso. – Para mim, mais importante que essa ligação de seis séculos com os ingleses são os Açores e a Madeira. Principalmente os Açores, a meio caminho entre a Europa e a América. Que belas bases para submarinos e aviões os alemães terão ali para cortarem o tráfego que ainda se vai fazendo entre os Estados Unidos e os seus aliados europeus! Cortada essa rede de abastecimento, numa questão de semanas a Inglaterra capitulará, assim como a Rússia. E, no meio disto tudo, a Europa ficará do Atlântico até aos Urais sob o jugo da bota cardada dos nazis. Nem Trajano ou Napoleão alguma vez dominaram tão completamente o continente europeu.

Um opaco silêncio instalou-se no seio daqueles três resistentes. Francisco puxou por mais um cigarro, fumando-o com profundas inspirações e prolongados bafejos. Jorge olhava sem nada ver para a pequena chama que irrompia no meio dos dois cavacos há pouco lançados para cima das brasas. Benedito parecia divertir-se em fazer rodar uma réstia de vinho no fundo da caneca, observando as marcas que iam ficando agarradas no seu interior.

– Que mais conseguiste saber? – Francisco, seco e frontal, interrompeu a mortal letargia que parecia ter tomado conta de todos.

– Se Portugal for tomado, Franco não quer que Salazar continue no poder.

– Como?! Não estou a perceber! – admirava-se Jorge. – Como pode Franco afirmar isso depois de tudo o que o *nosso* Presidente do Conselho fez por ele durante a Guerra Civil? Grande Judas! – ironizou.

– Também não percebi quais são os motivos que Franco alega para afastar Salazar. O certo é que, nos círculos privados em torno do generalíssimo, se comenta isso.

– O *caudillo* tem a jogada dele preparada. Há muito que sei que não dá ponto sem nó. É como aqueles cães que mordem na mão que lhes dá de comer. Apesar do auxílio que Salazar lhe prestou, os dois nunca foram de muitas conversas um com o outro. Franco sabe que Salazar, independentemente de todos os seus defeitos, nunca tolerará ser um mero fantoche sob as ordens dos alemães ou, até, sob a batuta do galego. Há que afastá-lo e colocar no seu lugar alguém mais... manobrável.

– Quem? – perguntaram, em uníssono, Jorge e Benedito.

– Rolão Preto.

I

MALTA

Naquela noite, Bento de Menezes não conseguiu dormir. Apesar de estar em Malta há mais de seis meses, o ruído dos aviões alemães a passar nos céus da ilha incomodava-o sempre. O Inverno proporcionara alguma acalmia. Harold Caccia disse-lhe que quase todos os aparelhos da *Luftwaffe* tinham sido enviados para a frente russa para socorro das tropas alemãs cercadas pelos soviéticos aquando da contra-ofensiva destes depois da fracassada tentativa germânica de conquistar Moscovo. Mesmo assim, as esquadrilhas que tinham ficado na Sicília eram uma visita assídua à massacrada ilha de Malta e à sua martirizada e heróica população.

Ainda sentindo dores no joelho esquerdo, lembrança maldita do encontro tido no último mês de Maio com soldados do *Reich* quando estes desceram literalmente dos céus para conquistar Creta, o cônsul aproximou-se da janela do quarto para ver o que se passava no exterior. Os alemães quase nunca voavam sobre Malta durante a noite. Aquela constituía uma das raras excepções. Por todo o lado, o chão estremecia devido ao impacto e explosão das bombas. Os vidros das janelas que ainda tinham a felicidade de os ter agitavam-se ameaçadoramente devido à deslocação do ar provocada pelas detonações. A artilharia anti-aérea cuspiam fogo para o vazio, desenhando curiosos traços de luz amarelados na tela escura do céu, onde o impacto das granadas lançadas contra a aviação alemã obnubilava a luminosidade das estrelas, sempre tão bela e cintilante naquelas latitudes.

– Vem para a cama, Bento. Felizmente, hoje só estão a bombardear o Grande Porto. Já não suporto ter de passar mais tempo naquela cave enquanto os alemães não se decidem a partir – angustiava-se Teresa de Menezes, que chegara a Malta no início de Maio de 1941, depois de uma travessia do Mediterrâneo repleta de vicissitudes envolvendo um espirituoso contrabandista grego desencantado em Alexandria.



A primeira visão que Bento de Menezes teve de Malta, a bordo do *destroyer* inglês *H.M.S. Dragonfly*, foi das suas arribas amarelas, esculpidas ao longo de milénios pelas chuvas e pelo mar, que embate docemente nas suas bases, como que embalando a ilha de uma forma pacientemente eterna.

Nessa manhã, a *Luftwaffe* não apareceu, nem tão pouco os aviões conduzidos pelos normalmente inábeis e timoratos pilotos da aviação de guerra italiana. Isso permitiu uma entrada mais calma no porto de La Valletta, um dos melhores portos naturais do mundo, emoldurado e defendido pelos alcantilados torreões e bastiões das fortalezas dos Cavaleiros da Ordem de Malta, o nome pelo qual eram conhecidos os membros da antiquíssima Ordem dos Hospitalários de S. João, fundada aquando da I Cruzada, ia para mais de oitocentos anos.

O panorama oferecido fez com que Bento ignorasse a dor que lhe atormentava o joelho esquerdo há alguns dias. Pouco habituado a viagens marítimas, esforçava-se para manter o equilíbrio como se estivesse em terra, o que o obrigava a usar a perna afectada. O resultado era uma constante e irritante dor, como se um grande alfinete estivesse a ser espetado por baixo da rótula do joelho.

Os bombardeamentos alemães não tinham retirado a La Valletta a sua magnificência. Dezenas de torres de igrejas, de fachadas de palácios e outros tantos edifícios sumptuosos destacavam-se atrás das muralhas defensivas construídas ao longo dos tempos pelos cavaleiros para assegurarem o domínio da ilha. Em certos pontos da cidade, as casas situadas fora dos muros desciam as encostas até beijarem as águas de um azul profundo da baía. Em miríades de janelas, o sol matinal reflectia o seu esplendor, encandeando qualquer um como se se tratasse de uma constelação de estrelas pousada sobre as águas do Mediterrâneo.

– Então, meu velho, um espectáculo deslumbrante...

Harold Caccia e a mulher, Nancy, optaram por seguir com o diplomata português para Malta. Ambos queriam regressar a Inglaterra e a ilha mediterrânica afigurou-se-lhes como a rota mais provável e segura.

O *destroyer* atracou na baía conhecida como *French Creek*, um esteiro do *Grand Harbour* – o grande porto – localizado a sul de La Valletta. A povoação de Senglea ocupava a península – outrora ilha – que protegia o ancoradouro do lado nascente. Martirizada pelos bombardeamentos da *Luftwaffe*, quase ninguém restava nas casas que ainda continuavam de pé sobre os escombros que ocupavam grande parte das outrora alegres ruas.

– Em Janeiro, houve quem dissesse que o Inferno se abateu sobre Senglea... – comentou um jovem marinheiro, enquanto ajudava os tripulantes a descer até ao cais.

Efectivamente, quando a *Luftwaffe* surgiu sobre Malta, em Janeiro desse ano, os seus habitantes passaram a sentir directamente no corpo os efeitos da guerra. Antes disso, os bombardeamentos dos italianos eram quase sempre inofensivos, sendo que muitos dos aviões de Mussolini eram inclusivamente abatidos antes de alcançarem os céus da ilha.

– Com a chegada dos alemães, tudo mudou... – continuou o marinheiro. – Senglea tem sido um dos locais mais bombardeados.

Bento de Menezes pôde constatar o estado lastimável em que se encontrava a maior parte dos edifícios enquanto se dirigia para La Valletta num veículo do exército inglês. Contornando a magnífica baía, o chamado *Grand Harbour*, teve uma panorâmica geral do lugar, conseguindo ver que as povoações vizinhas de Senglea, Conspicua e Vittoriosa – estas três localidades eram comumente designadas pelos habitantes de Malta como as *Três Cidades* – também tinham sido seriamente atingidas pelos bombardeamentos.

– Esta guerra é um horror...! Aliás, todas as guerras são um horror. Mas quando a população civil e indefesa é directamente atingida, o horror é muito mais profundo e macabro.

As palavras de Harold Caccia eram sábias. Enquanto se aproximavam de La Valletta, cruzaram-se com vários rebanhos de cabras, cenário pitoresco e curioso, que dava a sensação de um certo bucolismo para quem observasse os animais a saltitar por entre as ruínas do casario, indiferentes à destruição dos homens, estando perto deles um diligente pastor que tentava mantê-los na ordem, evitando que se tresmalhassem. Algumas mulheres maltesas, envergando a sua tradicional capa negra, enroladas nesse pano como se fosse um casulo, deambulavam pelas ruas como espectros, remexendo ocasionalmente os escombros em busca de haveres onde dias antes tinha existido uma vetusta casa ou um alegre pátio.

Numa secção do Governo Civil da ilha, junto à Catedral de São João, bem no centro da cidade, o diplomata português obteve informações acerca do paradeiro da sua família.

– Estão numa vila chamada Attard, a uns cinco quilómetros daqui...

A emoção de Bento era evidente. Harold prontamente conseguiu que lhe fosse disponibilizado um automóvel – algo somente ao alcance de muito poucos naqueles dias, visto que o combustível em Malta estava severamente racionado – e acompanhou-o com a esposa até Attard, onde numa simpática casa residiam há algumas semanas Teresa e Maria Rita de Menezes.

Lágrimas e abraços marcaram o reencontro da família. Teresa mostrou-se deveras preocupada com o ferimento que o marido sofrera, enquanto Maria Rita não largava o pescoço do pai, envolvendo-o com um abraço cheio de ternura.



Malta ainda continuava na posse dos ingleses devido à falta de visão estratégica dos italianos, numa primeira fase, e dos alemães, que lentamente foram compreendendo a importância crucial da ilha para o controlo do tráfego marítimo no Mediterrâneo.

Em finais de 1940, tudo mudou. Mussolini, atascado nas montanhas da Albânia, depois de uma muito mal preparada ofensiva contra os gregos, não teve outra opção que não fosse autorizar o estacionamento de aviões alemães na Sicília, a menos de cem quilómetros de Malta. Hans Geissler, um duro e experimentado general da *Luftwaffe*, conduziu as aeronaves que constituíam o X *Fliegerkorps* para a ilha italiana e preparou-se para soltar o Inferno sobre Malta.

Mais de quatrocentos aviões, entre alemães e italianos, ficaram sob o comando deste oficial. Desde essa data, Malta sentiu os efeitos de tão funesta mudança.

Enquanto o *Afrikakorps* de Rommel era conduzido para o Norte de África para apoiar as desmoralizadas tropas italianas, que sofriam constantes desaires perante as poucas divisões inglesas a operar no terreno, Malta sofreu intensamente a pressão da aviação de guerra alemã durante os meses de Fevereiro e de Março de 1941. Dos aviões ingleses estacionados na ilha, apenas sobravam oito *Hurricanes* operacionais quando se iniciou a Primavera. Felizmente para ingleses e malteses, as atenções germânicas voltaram a mudar de direcção por esses dias.

– É como te digo, meu velho. Se, no ano passado, Hitler tem decidido forçar a pressão sobre esta encantadora ilha antes de voltar a sua atenção para os Balcãs, hoje não estávamos aqui.

As palavras de Harold Caccia eram correctas. A nova ofensiva alemã, que terminaria com a conquista de Creta, deu algum alívio a Malta, suavizando a pressão a que a ilha tinha sido sujeita nos primeiros meses desse ano de 1941. Mesmo assim, os ataques continuaram a ocorrer, apesar de mais intermitentes. Isso permitiu o reforço das defesas da ilha. Artilharia, munições e destacamentos de soldados foram então enviados para Malta, situação que deu alguma sensação de segurança às gentes autóctones. Audazes, os ingleses aproveitaram a ocasião para importunar os alemães, provocando o afundamento de mais de dois terços do abastecimento destinado ao *Afrikakorps* que seguia em navios italianos. Esta feliz retaliação teria o seu elevado custo. A ira nazi abater-se-ia mais uma vez sobre Malta, com uma ferocidade nunca vista até então.



Na Prússia Oriental, junto à antiga fronteira desta província do *Reich* com a Lituânia, Erwin Rommel aguardava que o levassem à presença do *Führer*. O general alemão preferiu esperar no exterior para apreciar a neve que caía naqueles primeiros dias de Dezembro sobre a densa floresta de pinheiros, abetos e bétulas que rodeava todo o complexo do *Covil do Lobo*, nome dado ao quartel-general de Hitler. Alguns guardas SS olhavam desconfiados para aquele oficial da *Wehrmacht* que apresentava um rosto bronzeado e um olhar inquiridor, ao qual nada parecia escapar.

Depois de vários meses a suportar temperaturas acima dos quarenta graus centígrados, aquela neve que caía sobre a sua cabeça era um agradável reconforto. Nas vésperas, Rommel empreendera uma arriscada viagem desde Tripoli, na Líbia, até àquele local recôndito das florestas prussianas, deixando o seu exército no Norte de África na expectativa do que sairia daquela reunião que ele mesmo tivera a ousadia de solicitar ao *Führer*.

Rommel era um oficial que se distinguia da maioria dos oficiais graduados do exército alemão porque estava constantemente na linha da frente, ombro a ombro com o mais humilde dos soldados, observando directamente as movimentações das suas forças e corrigindo de imediato desvios ou falhas detectadas

nos seus planos. Pioneiro no uso massivo de tanques nos ataques às posições inimigas, Rommel demonstrara bem as suas capacidades durante a ofensiva que conduziu à capitulação da França e ao desesperado embarque do Corpo Expedicionário Britânico em Dunquerque. A sua escolha para o comando das forças alemãs no Norte de África revelara-se não apenas correcta como também a melhor de todas. Em poucas semanas reconquistou aquilo que os ingleses tinham tirado aos italianos e ameaçou inclusivamente chegar a Alexandria. Somente a falta de reservas, motivada pelos tais ataques dos ingleses aos comboios de abastecimento que partiam de Itália, impediu que a sua vontade se transformasse numa verdadeira hecatombe para os britânicos a operar nos desertos africanos.

O problema do abastecimento acabou por ser o verdadeiro motivo da sua ida à Prússia Oriental. Rommel, a *Raposa do Deserto*, esperava conseguir uma resposta concreta de Hitler aos seus pedidos.

– Venha. O *Führer* recebê-lo-á agora – anunciou Martin Bormann, o sinistro secretário particular de Hitler e chefe do seu gabinete.

O uniforme de Rommel destoava dos demais daqueles que rodeavam Hitler. Devido à urgência da viagem, o comandante do *Afrika Korps* não tivera tempo de trocar de indumentária, pelo que se apresentava na presença do *Führer* com a sua farda de campanha, camuflada com tons que se confundiam com as cores que normalmente existiam no deserto.

Wilhelm Keitel cumprimentou-o efusivamente quando o líder da tropa alemã em África chegou junto dos restantes oficiais que estavam no interior da sala. O marechal-de-campo tinha Rommel em grande consideração, não se coibindo em mostrá-la. Os outros oficiais foram mais contidos nas saudações, limitando-se a soltar um *Heil Hitler!*, ao qual Rommel respondeu com pouco à-vontade.

Debruçado sobre uma grande mesa onde estava aberto um mapa do que parecia ser o sector central da frente russa, Hitler ignorara a chegada de Rommel, continuando a olhar para as bandeirinhas que representavam as unidades alemãs estacionadas naquela região.

– Hoepner não pode falhar! Ele que não me desiluda! Ouviu, Jodl?

Alfred Jodl, general e chefe do Alto Comando da *Wehrmacht*, piscou os olhos e tentou manter-se calmo perante o ataque de fúria que Hitler ameaçava lançar.

– Moscovo está aqui! É só estender a mão! Não me venham com a história da retirada estratégica. O povo alemão foi talhado na forja do sofrimento e do sacrifício. O esforço que se exige não é nada comparado com os ganhos que se podem obter. Avise Hoepner para lançar os *panzers* contra Moscovo. Eu quero Moscovo! Eu quero ver a suástica hasteada no Kremlin! – gritou.

Discretamente, Bormann aproximou-se de Hitler e sussurrou-lhe que Rommel já ali estava. O *Führer* despachou Jodl e transfigurou-se quando viu o seu general, vencedor das divisões inglesas, junto a si.

– Ah, *herr General!* Você é que devia estar defronte de Moscovo. Se eu tivesse tido a clarividência de o ter colocado naquele sector, hoje Moscovo era alemã.

– Mas, provavelmente, o Norte de África seria inglês... – ironizou Rommel. As palavras da *Raposa do Deserto* provocaram um silêncio sepulcral na sala de reuniões. Alguns oficiais não gostaram do que ouviram. Pareceu-lhes que Rommel se assumira como o único capaz de dar vitória a Hitler.

– Tem razão, *herr General* – respondeu o líder nazi, mirando atentamente Rommel nos olhos.

Aquele gesto do ditador, que provocaria arrepios de morte em muita gente, deu ainda mais confiança ao comandante das forças alemãs em África para apresentar as suas reivindicações.

– *Mein Führer*, vou directo à questão que me fez voar mais de três mil quilómetros para estar aqui na sua presença. Malta de que ser tomada se quisermos conquistar o Egipto e dominar o Suez. Se isso não suceder, os aviões e submarinos ingleses vão continuar a dispor de uma base para efectuarem os seus ataques contra os nossos comboios de reabastecimento. Sem material e sem combustível, ser-nos-á impossível avançar mais do que aquilo que os nossos soldados heroicamente têm conseguido fazer.

Todos os presentes escutaram com atenção aquelas palavras. O assombro era visível nos rostos de alguns. Ninguém ousava falar com Hitler com a frontalidade com que o general do *Afrika Korps* se expressava.

Hitler permaneceu calado durante vários minutos, com o olhar preso no mapa que continuava aberto sobre a grande mesa.

– *Herr General*, que faria você se estivesse no lugar de Hoepner, às portas de Moscovo?

A pergunta apanhou Rommel de surpresa. Seria aquilo um teste? Dependeria a resposta ao seu pedido da resposta que desse à questão que agora lhe era feita?

– O general Hoepner é um soldado experiente e um bom estratega, como provou em França, durante a campanha de Maio e Junho do ano passado. Se depender somente dele, julgo que atacará, só parando quando não tiver mais munições e combustível. Agora, *mein Führer*, não lhe posso dar uma resposta mais directa porque não estou a par da situação em que se encontra o general Hoepner, nem sei o número de efectivos de que dispõe e do número de formações inimigas que enfrenta.

– Ah, mas segundo você, ele vai atacar...!

– Hoepner é um comandante consciente. Se vir que tem condições para atacar, fa-lo-á de certeza. Também sei que não desperdiçará a vida dos homens sob o seu comando em acções inúteis, que não tragam qualquer vantagem estratégica.

A respiração dos presentes na sala ficou suspensa. Aquelas palavras, se fossem pronunciadas por outro, soariam a derrotismo e a traição aos ouvidos de Hitler. O *Führer* fixou mais uma vez o seu gélido olhar em Rommel, procurando compreender algum segundo sentido no que escutara, mas não conseguiu intimidar este general. Apenas o incomodou com a sua frieza e crueldade.

– Você, você... – esboçou um sorriso, enquanto tamborilava os dedos no tampo da mesa, focando a sua atenção no mapa do sector de Moscovo. – ...

você tem razão. Hoepner não me desiludirá. Estou certo de que amanhã lançará o seu ataque decisivo contra Moscovo. Os russos estão nas lonas. Esta ofensiva que os meus oficiais dizem que eles estão a preparar é o seu canto do cisne, o último estertor antes da morte. Nós sabemos que é quando a besta está ferida de morte que lança os seus ataques mais violentos e desesperados. Depois disso, morre. É o que vai acontecer a Estaline e aos seus hunos.

– Mas, *mein Führer*... e Malta?

– Malta cairá também, *herr General*, como uma fruta madura cai da árvore. Se até à Primavera os ingleses não tiverem capitulado nessa ilhota do Mediterrâneo e Göring e a *Luftwaffe* não a tiverem arrasado de vez, eu mesmo providenciarei um plano para a sua conquista. Até lá, temos de nos concentrar em Moscovo. Você, *herr General*, está a fazer um magnífico trabalho no Norte de África, um exemplo de abnegação, determinação e inteligência estratégica perante um inimigo superior em número e com linhas de reabastecimento mais curtas que as nossas. Confio em si para que dentro de algumas semanas a bandeira do *Reich* possa ser arvorada no Suez. Se controlarmos o canal, os ingleses morrerão à fome, não terão acesso directo à Índia e ao Médio Oriente. Os campos de petróleo da região estarão ao alcance da nossa mão. Os nossos agentes na Pérsia e na Arábia têm instruções para fomentar a revolta contra os interesses britânicos na zona. É só uma questão de tempo até a Inglaterra implorar pela paz. Verá, *herr General*, como vamos pôr os ingleses de joelhos sem termos tido a necessidade de invadirmos a sua pátria.

Martin Bormann saiu detrás de Hitler e, com um aceno de cabeça, indicou a Rommel que a reunião terminara. O *Führer* já divagava em voz alta sobre o mapa da região central da Rússia quando o comandante do *Afrikakorps* abandonou a sala de comando do *Covil do Lobo* sem ter tido a oportunidade para reforçar a sua reclamação por mais meios, como homens e veículos, para o seu exército.

Talvez por saber quão inútil isso seria, perante a atenção que Hitler estava a dar à desesperada ofensiva que as divisões alemãs realizavam no sector de Moscovo, Rommel optou por não insistir.



Nos idos de 1940/41, as visitas a Salamanca e também a Ciudad Rodrigo passaram a ser uma rotina para Benedito, jovem regente agrícola de D. Sebastião de Menezes Breyner, um dos maiores latifundiários do Alentejo. Jorge, afilhado do velho nobre, criado como um filho que nunca ousou perfilhar, acompanhou-o em algumas dessas viagens, sempre com o objectivo oficial de comprarem cabeças de gado para aumentarem as manadas.

– Rolão Preto?! Mas esse tipo vendeu a alma ao Diabo? – admirou-se Jorge depois de escutar o relato feito pelo amigo.

Nessa noite, fora esperá-lo junto às ruínas do velho mosteiro cisterciense. Tinha havido boatos de que a PVDE se preparava para entrar em acção em terras de Riba-Côa.

– São as informações que obtive em Salamanca. Acho que são fiáveis. Aliás, têm de ser verdadeiras. Não teria valido a pena o esforço de ter vindo desde lá até aqui para fugir à *Seguridad*.

Francisco Lobo soltou mais uma baforada de fumo enquanto olhava para o vazio.

– Não podes ir mais a Salamanca. Os tipos estão à tua espera se lá voltares.

– Mas... eu despistei-os em Ciudad Rodrigo. Para eles, eu terei seguido em direcção a Vilar Formoso...

O olhar severo de Francisco não admitia contestação. Melhor que todos os presentes naquela cozinha, ele conhecia os truques e manobras da polícia secreta de Franco desde os tempos do início da Guerra Civil espanhola.

– Desta vez escapaste e chegaste cá conforme o combinado. Ninguém nos garante que numa próxima oportunidade tenhas tanta sorte. Deixar-te sozinho em Salamanca foi um risco muito grande...

– Era necessário. O Jiménez só conseguiu obter as informações no final do dia. Eu tinha de lá ficar para as trazer.

O pastor ponderou no que ouvia. Apesar de oficialmente não fazer parte da rede montada pelo S.O.E. para a Península Ibérica, a sua experiência, o seu conhecimento da região e os contactos de que dispunha no seio da Resistência antifranquista faziam dele um importante elemento para que as missões de Benedito tivessem sucesso.

– O Francisco tem razão, Dito. Lembra-te daquilo que Hughes te contou há uns tempos. Foi graças às denúncias da *Seguridad* e às pressões dos alemães sobre Salazar que este mandou a PVDE desmontar a *rede Shell* montada no Porto. Muito boa gente foi presa. Os ingleses apanhados foram recambiados para Inglaterra e os portugueses descobertos postos a ferros no Aljube e no forte de Caxias. Nem sei como é que o meu padrinho e o Peter Robertson escaparam à purga. Segundo as palavras deste, a rede inglesa de informadores sofreu um golpe duríssimo e deixou o embaixador Campbell numa posição delicada perante o governo português.

O dia, no exterior, despontara entretanto. Os três homens saciaram a fome comendo o resto da broa e do queijo que sobrara em cima da mesa. Uma caneca de vinho para cada um selou aquela refeição. A mulher de Francisco Lobo há muito que se erguera da cama, tendo ordenhado as cabras e as ovelhas que eram guardadas no curral existente junto à casa. Nesse dia, faria queijos.

– Se cá ficassem mais algum tempo, ainda levavam alguns com vocês. Vão descansar um pouco. Partam a meio da manhã. O vosso camião está lá em baixo, em Figueira, na casa de um compadre da minha mulher. Ele tratou bem da vaca que o Jorge trouxe de Salamanca enquanto tu andavas a jogar às escondidas com aqueles pulhas franquistas.



Apesar do cansaço que lhe provocava nas pernas e nas costas, Sophie gostava de passear no mercado que se fazia todos os sábados no Rossio de Estremoz,

junto à Câmara Municipal. A sua barriga estava enorme e custava-lhe estar mais do que quinze minutos de pé. No entanto, todas as cores e cheiros que as bancas dos vendedores emanavam exerciam uma atracção maior, pelo que suportava estoicamente as dores para ver durante mais alguns momentos aquele agradável espectáculo semanal. Tudo aquilo trazia-lhe também recordações da sua Áustria natal, nomeadamente de Leonding, pequena cidade do Norte do país, localizada poucos quilómetros a sudoeste de Linz.

Como a vida mudara radicalmente!, pensava Sophie, deixando-se inebriar com os aromas provenientes das bancas à sua volta. Há poucos anos tinha uma vida desafogada na Áustria, tendo vivido inclusivamente em Viena, em casa de um tio, depois de o seu pai a ter enviado para lá para ser educada como uma verdadeira senhora e para a afastar de uma paixoneta de adolescência.

Que será feito do Hans? Como ele era belo..., divagava, recordando-se do primeiro beijo roubado àquele rapaz desajeitado que o velho Leopold Voitsberg fora desencantar numa quinta pertencente ao asilo de órfãos em Linz, exploração gerida por padres jesuítas. No fundo, foi ele quem nos salvou... Sophie tinha razão. Anos depois, quando a Alemanha já tinha anexado a Áustria, uma coincidência do destino voltou a colocar Hans Riegl na vida da jovem rapariga. Oficial das SS quando, refugiado na Baviera, viu essa instituição como uma possível salvação para a sua condição de desempregado e de órfão de família, Hans estava em Viena durante os acontecimentos que ficaram conhecidos como *Noite de Cristal*, em Novembro de 1938.

– Sai deste país o mais depressa que conseguires. Tu e a tua família correm sérios riscos se permanecerem por cá. Os judeus não são bem-vindos...

Nos imensos jardins do *Ring* de Viena, Hans tudo fez para convencer a sua eterna amada a partir. Junto à *Riesenrad*, a roda gigante erguida junto ao Prater, olhava para Sophie, enquanto tentava perceber se aquilo que via era realidade ou produto da sua imaginação. Jamais poderia imaginar que o destino lhe fosse pregar uma partida dessas. Depois de anos a sonhar com aquele rosto, agora que voltara a encontrá-lo tinha de lhe dizer que partisse para outro país.

– O mundo encaminha-se novamente para o abismo, Hans. Até eu, que não ligo a política, tenho noção disso. Os teus chefes querem espalhar novamente sobre a terra a morte e a destruição. Será que não vês isso?

Sentindo-se ofendido, Hans repudiou aquelas palavras.

– Aqueles que tu acusas são a única família que tenho. Sabes muito bem que nunca tive uma vida normal. O meu pai morreu na Grande Guerra. Poucos anos depois, a minha mãe foi morta pelo meu padrasto. Dois dos meus irmãos morreram novos devido à gripe espanhola. O outro meu irmão, que foi comigo para o asilo, faleceu afogado nas águas do Danúbio para escapar às mãos do padre que abusava dele... É certo que a tua família me acolheu quando eu ainda era um simples rapaz a viver numa quinta dos jesuítas. Mas, depois, a crise obrigou o teu pai a fechar o armazém e eu tive de fazer pela vida em Viena. Ainda te procurei, mas nada soube de ti. Até que...

Condoendo-se com as recordações da sua antiga paixão, Sophie ousou passar a sua mão carinhosamente pela mão deste. Como se tivesse sofrido uma descarga eléctrica, Hans encolheu-se instintivamente.

– ... até que te encontrei, logo agora, que sou oficial das SS, que tenho grandes responsabilidades e que quero contribuir para que o *Reich* se engrandeça.

– Oh, Hans! Que discurso tão desadequado.

Sophie sorriu tristemente ao escutar aquelas palavras. Hans parecia ter a cabeça repleta de ideais semelhantes àqueles que a restante corja nazi papagueava há anos. Como fora tal possível?

Fixando o seu olhar no fundo dos olhos da rapariga, o oficial das SS sentiu as suas convicções abaladas. A serenidade transmitida com aquele simples gesto perturbava-o.

– Vai. Parte o quanto antes. Este país não é para vocês.



Acompanhada pela irmã, Sophie passava pelo meio da multidão, sendo ambas cumprimentadas por todos aqueles com que se cruzavam. Alegremente adoptadas como filhas da terra, apenas o sotaque germânico persistente e o seu modo mais vivo e desenvolto de falar e de andar as distinguiu das gentes autóctones. Fisicamente, poderiam ser confundidas com muitas das mulheres da região, já que também ali abundavam pessoas louras de olhos claros, portuguesíssimas de gema com essas características físicas peculiares, indicadores de antepassados remotos provenientes de latitudes mais setentrionais, que há séculos se tinham instalado no Alentejo em terras dadas como recompensa pelo empenho demonstrado na luta contra a moirama.

– Ai!

– O que foi, o que foi, Sophie?

– Acho que me rebentaram as águas...!

Constance olhou para o chão e viu a terra absorver o líquido que escorria pelas pernas da sua irmã.

– Calma, calma! Vou ver se encontro o Barnabé. Achas que consegues esperar um pouco sentada neste banco?

Enquanto Sophie se sentava, Constance vasculhava o mercado à procura de Barnabé, o capataz que normalmente as levava até ao Rossio nos sábados de manhã.

– Barnabé! Barnabé! Venha daí!

Ofegante, Constance tentou explicar em português o que sucedera, mas só conseguia lembrar-se das palavras em alemão devido aos nervos e à excitação. O capataz percebeu que algo sério ocorrera e seguiu a rapariga por entre a multidão que se aglomerava em torno das bancas.

Junto ao coreto, Sophie encontrava-se sorridente mas um pouco assustada. Mais uma vez, as memórias de um passado recente afloraram. Quão precipitada foi a nossa fuga...

Desafiando as Parcas, o velho Leopold decidira permanecer na Áustria mesmo depois de ter passado quatro meses no campo de concentração de Dachau devido aos acontecimentos da *Noite de Cristal*.

– És doido! – resmungava Teresa, a esposa. – Tens muita sorte em estar vivo. Para a próxima, não creio que eles te deixem sair de lá com vida.

Somente quando Otto, o irmão, decidiu que era tempo para toda a família se exilar, depois de os nazis terem maltratado a sua esposa, é que Leopold condescendeu.

– E vamos para onde?

Na noite da partida, quando o comboio cruzava a fronteira da Áustria com a Hungria, os alemães invadiam a Polónia. A II Guerra Mundial começava.

Em Budapeste, a família Voitsberg tudo fez para chegar a Istambul, na Turquia.

– Vamos tentar apanhar um barco que nos leve para a América... – dizia Otto. – Só temos de seguir o Danúbio até ao Mar Negro.

Infelizmente, somente Leopold, a mulher e filhas conseguiram alcançar a cidade turca, antiga capital bizantina. Otto, subitamente viúvo, deixou-se finar volvidos poucos dias para se juntar à esposa num outro mundo.

Fazendo uso dos fundos que lhes restavam, os Voitsberg conseguiram comprar salvo-condutos numa embaixada de um país neutro e, não obstante terem ficado na penúria, cruzaram o Mediterrâneo, tendo chegado a Lisboa, à época repleta de refugiados e expatriados devido à guerra que grassava na Europa.

Como tinha fome...!, pensava Sophie ao recordar-se dos dias em que vagueava pelas ruas da capital portuguesa, enquanto não surgia um visto que lhe permitisse embarcar para a América. Numa ocasião, quando o desespero se preparava para tomar conta do seu estado de espírito, alguém se condeou da sua condição de refugiada.

– Vinde comigo, senhorita – convidou um cavalheiro com quem acabara de chocar junto a uma chapelaria, no Rossio.

Grande foi a surpresa quando o homem se apresentou falando um alemão enferrujado mas compreensível.

– Sabe, domino melhor o francês... Bento de Menezes, ao seu dispor.

Tendo saciado a fome numa pastelaria da Baixa da cidade graças ao convite daquele desconhecido, Sophie em breve ficaria a par da vida deste.

– Sou diplomata. Parto dentro de dias para a Grécia.

A história daquela refugiada impressionou de veras o cônsul. Apesar de ter conhecimento de dezenas de casos pelo facto de Lisboa ser, por esses dias, um dos últimos portos seguros da Europa para milhares de pessoas, nunca tinha ouvido um relato na primeira pessoa.

– Tenho um amigo que ousou desafiar as autoridades, passando centenas de vistos para pessoas que tentavam fugir aos alemães. Por causa disso foi saneado...

Bento de Menezes meditou um pouco. Gostara daquela rapariga. Aquilo que ela lhe contara fora de uma sinceridade profunda.

– Vou falar com a minha mulher. Pode ser que se consiga arranjar uma solução para si e para a sua família enquanto aguarda um visto de passagem para a América.

A intervenção do diplomata acabaria por ser mais profunda que aquela que os Voitsberg poderiam ter imaginado. Querendo emular numa escala infinitamente menor o feito do seu amigo, Bento de Menezes conseguiu, graças aos seus contactos nos ministérios, que aquela família obtivesse visto de permanência em Portugal precisamente nas vésperas em que a polícia se preparava para tomar uma medida mais drástica em relação à sua presença em Lisboa.

Leopold e Teresa Voitsberg desfizeram-se em lágrimas quando o cônsul lhes entregou os documentos. Cansados de tantas voltas pela Europa para escaparem à sanha dos nazis, aquele gesto pareceu-lhes digno de uma parábola da *Torah*.

– Vão ficar em casa de um primo meu, em Estremoz. Vão gostar de lá ficar. O Sebastião tratará de vocês como se fossem família.

Quão proféticas se revelaram as palavras do diplomata. E quão grande seria a mudança de vida destes refugiados, principalmente de Sophie, quando o olhar desta se cruzou pela primeira vez com o de Jorge Sobral.